

## NOMEAR DEUS: TOMÁS DE AQUINO E PAUL RICOEUR.

*Sergio Salles - UCP<sup>1</sup>*

*Resumo:* Uma das mais importantes tarefas do tomismo essencial consiste em estabelecer uma renovação da filosofia e da teologia de Tomás de Aquino à luz dos desafios contemporâneos. Neste artigo, apresenta-se uma tentativa de encontro e confronto entre a hermenêutica intensiva de Tomás de Aquino e a hermenêutica criativa de Paul Ricoeur a partir do tema da nomeação de Deus.

*Palavras-chave:* Nomeação de Deus, Ser, Tomás de Aquino, Paul Ricoeur.

*Abstract:* One of the most important tasks of essential thomism is to provide an revival of Aquinas's philosophy and theology in the light of contemporary challenges. This paper presents an attempt to establish a meeting and a confrontation between Thomas Aquinas's intensive hermeneutics and Paul Ricoeur's creative hermeneutics about naming God.

*Keywords:* Naming God, Being, Thomas Aquinas, Paul Ricoeur.

### INTRODUÇÃO.

Uma das tarefas mais árduas e significativas do “tomismo essencial”<sup>2</sup> é a busca do autêntico diálogo entre Tomás de Aquino e o pensamento contemporâneo, que propõe questões análogas àquelas que foram debatidas pelos filósofos medievais.

Um lugar que poderia servir para o encontro e o confronto entre Tomás de Aquino e o pensamento contemporâneo poderia partir da seguinte questão: Deus pode ser nomeado sem ser conhecido?<sup>3</sup>

---

<sup>1</sup> Professor adjunto da Universidade Católica de Petrópolis. Email: [sergio.salles@ucp.br](mailto:sergio.salles@ucp.br)

<sup>2</sup> Sobre o tomismo essencial de Cornelio Fabro, confira: SILVEIRA, C. F. *Cornelio Fabro, intérprete de Santo Tomás. Aquinate*, n. 3, pp.1-14, 2006; GOGLIA, ROSA. *La novità metafisica in Cornelio Fabro*. Veneza: Marsilio Editori, 2004.

<sup>3</sup> Essa questão é sugerida explicitamente em: WALLACE, MARK I. *Can God be named without being known? The problem of revelation in Thiemann, Ogden, and Ricoeur. Journal of the American of Religion*, 59, 2, 1991, p. 281-308. O autor concorda com a

Numa época em que se consagra gradativamente o esquecimento do ser, a questão da nomeação de Deus ocupa um lugar autônomo em relação à questão do conhecimento de Deus.

Mesmo entre aqueles filósofos que consideram o ato de nomear Deus um tema relevante para a própria filosofia, esse ato parece ser antes de tudo um ato de fé, um ato de escuta inserido numa tradição textual e numa perspectiva religiosa e não um ato de fundação racionalmente justificado.

Neste sentido, a hermenêutica de Paul Ricoeur representa, por um lado, a crítica ao formalismo abstrato das metafísicas modernas fundadas no *cogito* que não reconhecem valor à nomeação bíblica de Deus e, por outro lado, representa a defesa da nomeação bíblica ou narrativa de Deus com base na analogia metafórica, sem pressupostos gnoseológicos de natureza metafísica. Já a hermenêutica de Tomás de Aquino é, ao mesmo tempo, uma defesa da nomeação narrativa-bíblica e da nomeação filosófica-metafísica de Deus com base na analogia do ser. Daqui emerge o contraste entre uma hermenêutica fenomenológica-criativa e uma hermenêutica metafísico-intensiva da nomeação d'Aquele que é.

## I. A NOMEAÇÃO DE DEUS SEGUNDO PAUL RICOEUR

Um dos principais expoentes da tese segundo a qual Deus pode ser nomeado sem ser conhecido é Paul Ricoeur. Em *Nomear Deus*, a condição de possibilidade da nomeação de Deus é identificada com a narrativa bíblica, que precede o ato de fé: “posso nomear Deus em minha fé porque os textos que me foram pregados já o nomearam”<sup>4</sup>.

A nomeação de Deus pelos textos bíblicos especifica o horizonte de legitimidade do discurso teológico e da fé pessoal, ao mesmo tempo que obriga o teólogo a renunciar a qualquer tentativa de fundamentação racional da sua fé.

---

tendência contemporânea de nomear Deus narrativamente, ou seja, sem pressupostos metafísicos/ontológicos.

<sup>4</sup> RICOEUR, P. *Entre filosofia e teologia II: nomear Deus* (1977). In *Leituras 3: nas Fronteiras da Filosofia*. São Paulo: Loyola, 1996, p. 183.

O ato de fé, entendido agora como ato de escuta dos textos bíblicos, exclui por definição o ato de fundar, apanágio da filosofia. “Escutar exclui fundar”, sentencia Paul Ricoeur<sup>5</sup>.

O “ato de fundar” é caracterizado por Ricoeur como uma busca filosófica por um “objeto” absoluto e um “sujeito” absoluto, ou seja, pela busca especulativa própria dos sistemas metafísicos modernos que põem o “eu penso”, como fundamento não-fundado de tudo o que é válido.

A escuta dos textos bíblicos e da pregação cristã exigiria do filósofo uma renúncia do saber ontoteológico e das pretensões do “eu penso” autofundante<sup>6</sup>.

No lugar de uma nomeação ontoteológica<sup>7</sup> de Deus, Paul Ricoeur defende uma nomeação narrativa, insistindo na variedade e complexidade dos discursos bíblicos. Mas, o que impediria de transformar em saber a nomeação do Deus bíblicamente narrado?

É, segundo Paul Ricoeur, a própria narrativa bíblica da sarça ardente que indica o nome de Deus como inomeável para uma ontologia positiva.

Longe pois que a declaração “Eu sou Aquele que será” autorize uma ontologia positiva capaz de coroar a nomeação narrativa e outras nomeações, ela protege o segredo do “para si” de Deus e esse

---

<sup>5</sup> *Ibidem*, p. 190.

<sup>6</sup> *Ibidem*, p. 189-190.

<sup>7</sup> A nomeação ontoteológica de Deus é rejeitada contemporaneamente pelos herdeiros de Heidegger, porque o Deus, concebido pela metafísica como causa criadora, perderia sua transcendência ao ser concebido como um ente dentre outros entes, ou melhor, uma *res* dentre outras. Embora não seja possível retomar o percurso da *Seinsfrage* em Heidegger e estabelecer ainda uma comparação com a noção de *esse* de Tomás de Aquino, é preciso dizer que Heidegger interpreta equivocadamente os significados tomasianos de *esse*, ignorando, por conseguinte, a transcendência de Deus. Para uma defesa da originalidade do *esse* tomasiano em debate com Heidegger, confira: LOTZ, J. B. *Martin Heidegger e São Tomás de Aquino*. Lisboa: Instituto Piaget, 2002; TRABBIC, J. *Aquinas, God and ontotheology*. 206f. Tese (Doutorado em Filosofia). *Fordham University*, Nova Iorque, 2008. Para uma discussão sobre a exegese moderna do Êxodo no confronto entre Heidegger e Tomás, confira: BOURG, D. *La critique de la “métaphysique de l’Exode” par Heidegger et l’exégèse moderne*. In BOURG, D. *L’Être et Dieu*. Paris: *Les Éditions du Cerf*, 1986. p. 215-244.

segredo, por sua vez, remete o homem para a nomação narrativa significada pelos nomes de Abraão, de Isaac, de Jacó (...)<sup>8</sup>.

Em sua hermenêutica do Nome inominável, Paul Ricoeur aproxima explicitamente a *triplex via* do processo de nomação de Deus nas parábolas evangélicas, que unem estrutura narrativa, processo metafórico e expressão-limite, fornecendo a matriz da linguagem teológica. Matriz esta capaz de unir “a analogia e a negação na via da eminência (Deus é como..., Deus não é...)”<sup>9</sup>.

A nomeação de Deus pela *triplex via* não é estabelecida por Ricoeur no âmbito conceitual<sup>10</sup>, mas sim no âmbito do esquema, no sentido kantiano do termo, ou seja, de uma regra/de um modelo capaz de produzir figuras e imagens<sup>11</sup>.

Como há uma polifonia bíblica, os seus esquemas permanecem diversificados e são incapazes de constituir um único e rígido sistema conceitual. Daqui emerge a importância da via negativa que “não se concebe senão em sua relação com a via analógica (metafórica), da qual ela é o complemento e o corretivo”<sup>12</sup>.

*Nomear Deus* reabre, assim, a questão filosófica-teológica da *triplex via* na nomeação de Deus, desenvolvendo-a com os recursos da hermenêutica contemporânea. É evidente, pelo breve exposição da hermenêutica ricoeuriana, que a insistência em defender a nomeação de Deus como nomeação narrativa é uma tentativa de superar o modelo sujeito-objeto, que dominou a filosofia moderna. É uma forma de evitar os excessos das filosofias fundadas no “eu penso”, apontando para a transcendência não-filosófica do Nome inominável.

A proposta ricoeuriana sugere uma hermenêutica criativa baseada na complexidade e na polifonia dos discursos bíblicos, que nomeiam Deus através de metáforas, símbolos e expressões-limite. O saber ao qual se deve renunciar em filosofia é aquele que pretende pôr o “eu penso” como fundamento autofundante. Ao contrário, o saber que reconhece a incompreensibilidade do ser divino e se esforça para nomeá-Lo nos limites da

---

<sup>8</sup> RICOEUR, P. *Op. cit.*, p. 195-196.

<sup>9</sup> *Ibidem*, p. 197.

<sup>10</sup> *Ibidem*, p. 201.

<sup>11</sup> *Ibidem*, pp. 201-202.

<sup>12</sup> *Ibidem*, p. 202.

linguagem e do pensamento humano deve ser estimado pelo filósofo, em particular por aquele que já se encontra à escuta da tradição bíblica e cristã.

A questão inicialmente proposta busca saber se é possível nomear Deus sem conhecê-Lo. Graças a essa questão, é possível aproximar e confrontar a hermenêutica ricoeuriana e a metafísica tomasiana dos nomes divinos.

## II. A NOMEAÇÃO DE DEUS EM TOMÁS DE AQUINO.

O tema dos nomes divinos ocupa uma extensão considerável no *corpus thomisticum* e vem recebendo crescente e decisiva atenção dos seus intérpretes contemporâneos<sup>13</sup>. Em razão dos limites desta abordagem, serão destacadas somente as teses e os pilares principais da teoria tomasiana da nomeação de Deus, evitando-se assim uma análise do *corpus thomisticum*, que afastaria do propósito inicial de estabelecer um encontro e um confronto entre a hermenêutica tomasiana e a ricoeuriana.

O tema da nomeação de Deus em Tomás de Aquino emerge na confluência tanto de uma perspectiva filosófica quanto teológica, ou seja, tanto na perspectiva da nomeação de Deus pela via natural/racional quanto na perspectiva da nomeação de Deus pela via da doutrina sagrada, que se baseia na revelação bíblica d'Aquele que é.

A consistência da hermenêutica intensiva<sup>14</sup> de Tomás de Aquino depende da conjugação de três teses fundamentais:

1. A tese da incompreensibilidade de Deus para o homem, ou melhor, para todo intelecto criado<sup>15</sup>;

---

<sup>13</sup> Dentre os principais estudos, destacam-se: MCINERNEY, R. *Can God be named by us? Prolegomena to thomistic philosophy of religion*. *Review of Metaphysics*, 32, p. 53-73, 1978; BURRELL, D. *Knowing the unknowable God. Ibn-Sina, Maimonides, Aquinas*. Notre Dame: Univ. of Notre Dame Press, 1986; PROVOUST, G. *Le question des noms divins*. Saint Thomas entre apophatisme et ontothéologie. *Revue Thomiste*, 97, p.485-511, 1997; WIPPEL, J. *The metaphysical thought of Thomas Aquinas*. Washington: *The Catholic Univ. of America Press*, 2000. ROCCA, G. *Speaking the incomprehensible God*. Washington: *The Catholic Univ. of America*, 2004; TE VELDE, R. *Aquinas on God: the divine science of the Summa Theologia*. Burlington: *Ashgate Publishing*, 2006.

<sup>14</sup> FABRO, C. *The Intensive Hermeneutics of Thomistic Philosophy*. *The Review of Metaphysics*. 27, p. 449-491, 1974.

2. A tese segundo a qual nenhum intelecto criado possui naturalmente um conhecimento essencial do que Deus é<sup>16</sup>;
3. A tese segundo a qual o homem é capaz de conhecer e nomear Deus<sup>17</sup>.

As duas primeiras teses, em razão do evidente viés restritivo, parecem entrar em conflito com a terceira. Entretanto, um exame mais detalhado das obras do Aquinate revela a consistência destas três teses, desenvolvidas a partir de uma hermenêutica intensiva do conhecimento metafísico e teológico, alicerçada basicamente em seis pilares teóricos:

1. a distinção entre o duplo sentido do termo “*esse*” como significando o ato de ser ou a verdade da proposição, que situa o conhecimento da natureza divina na veracidade das proposições e não na apreensão e compreensão do ato de ser divino;
2. a distinção entre o duplo sentido de “*comprehendere*” e o uso preferencial de “*cognoscere*”, que permite sustentar, sem contradição, que conhecemos imperfeitamente, mas não compreendemos o que Deus é;
3. a fundação do conhecimento humano da natureza divina no princípio de causalidade e de participação, efeito formal da própria causalidade eficiente divina, expresso paradigmaticamente na *triplex via*<sup>18</sup>;

---

<sup>15</sup> TOMÁS DE AQUINO. *ScG* I, 3; III, 49; *QDP* q. 7, a. 5; *STb* I, q. 12, a. 7; *Comp.Theol.*, c. 106; *In De Trin.* q. 1, a. 2; q. 6, a. 3.

<sup>16</sup> Para Tomás de Aquino, nem mesmo o conhecimento advindo da fé é um conhecimento quiditativo de Deus. Deve-se recordar que, segundo o Aquinate, a visão beatífica não é um conhecimento natural do que Deus é, mas sim um conhecimento sobrenatural, mediante a graça divina. Ademais, a visão beatífica não é a compreensão em sentido estrito do que Deus é para si e em si mesmo. Embora Deus permaneça, em sentido estrito, incompreensível até mesmo na visão beatífica, Tomás de Aquino defende que há, pela graça, um conhecimento quiditativo de Deus e, portanto, compreensível em sentido lato. Cf. TOMÁS DE AQUINO. In III Sent. d. 14, a. 2, q. 1; d. 27, q. 3, a. 2; *ScG* III, 55; *STb* I, q. 12, a. 7; *QDV* q. 2, a. 1, ad 3; q. 8, a. 2; q. 8, a. 4, ad 6; q. 20, a. 5; *QDP* q. 7, a. 1, ad 2

<sup>17</sup> TOMÁS DE AQUINO. *QDP* q. 7, a. 4.

<sup>18</sup> Em virtude da dependência causal no ser, as criaturas possuem, cada qual de acordo com sua essência (*potentia essendi*), uma semelhança com Deus. Tomás, inspirando-se em Agostinho, utiliza da noção de vestígio para falar da semelhança das criaturas irracionais a Deus, e da noção de imagem para expressar a semelhança das criaturas espirituais a Deus. Essa “imagem” é elevada à ordem sobrenatural pela graça. Sobre a causalidade e a participação em Tomás de Aquino, confira: FABRO, C. *Participation et causalité selon S. Thomas d'Aquin.* Paris-Louvain: *Publications Universitaires de Louvain*, 1960. Sobre a tríplice via em

4. a distinção entre os nomes de perfeições mistas, que se aplicam metaforicamente a Deus, e os nomes de perfeições puras ou simples, que se predicam analogamente de Deus e das criaturas<sup>19</sup>;
5. a distinção na predicação dos nomes de perfeições simples entre a *res praedicata/ratio nominis* e o *modus praedicandi/modus significandi*, posto que a Deus se aplica somente a *res praedicata*, excluindo-se absolutamente o *modus praedicandi*<sup>20</sup>;
6. a distinção entre os dois tipos de analogia, uma em que se predica a perfeição de duas coisas em relação a uma terceira (*ad aliquid tertium*), e outra pela qual se predica a perfeição em razão da dependência existente entre as duas coisas (*unius ad alterum*).

O problema da nomeação de Deus em Tomás de Aquino tem sua resolução metafísica<sup>21</sup> na afirmação da radical dependência intrínseca dos entes no ato de ser (*actus essendi*), que é ato primeiro causado e participado.

Graças à realidade do ser como ato causado e participado e ao valor epistemológico da analogia, os nomes predicados de Deus significam realmente a essência divina, mas não de modo perfeito tal como é em si mesma, mas segundo o nosso modo de entendê-la, isto é, imperfeitamente e analogamente. Com efeito, os nomes divinos significam essencialmente o que Deus é, mas não segundo a perfeição que possuem no *esse* divino, já que são concebidos por nós a partir das perfeições existentes nas coisas.

(...) o modo de significar que nós damos às coisas é conforme ao nosso modo de conhecer; de fato, os nomes significam os conceitos de nossa mente (*De interpret.*, 1). Ora, o nosso intelecto conhece o ser [*esse*] como se encontra nas coisas inferiores, a partir das quais

---

Tomás de Aquino, confira: SALLES, S. S. *A tríplice via do conhecimento de Deus em Tomás de Aquino*. Petrópolis: UCP, 2009.

<sup>19</sup> Sobre a distinção entre perfeições mistas e perfeições puras, confira: WIPPEL, J. *Metaphysical Themes in Thomas Aquinas*. Washington: *The Catholic University of America Press*, 1984, p. 240.

<sup>20</sup> Sobre a distinção entre *res significata* e *modus significandi*, confira: ROCCA, G. The distinction between *res significata* and *modus significandi* in Aquinas's theological epistemology. *The Thomist*, 55, p. 713-197, 1991.

<sup>21</sup> Sobre o tema da resolução metafísica em Tomás de Aquino, confira: SALLES, S. S. *Análise e Síntese em Tomás de Aquino*. Petrópolis: UCP, 2009; SALLES, S. S. *As resoluções metafísicas de Tomás de Aquino: uma análise sobre o De Potentia Dei*. Petrópolis: UCP, 2009.

obtem o seu saber e nas quais o ser não é subsistente, mas inerente. Entretanto, a razão descobre que há um ser subsistente; e, embora o que digo “ser” [*esse*] signifique pelo modo concreto, o intelecto quando atribui o ser a Deus transcende [*transcendit*] o modo de significar, atribuindo a Deus aquilo que é significado, mas não o modo de significar<sup>22</sup>.

Em outros termos, é impossível ao homem compreender conceitualmente a essência e o ser de Deus, que n’Ele são idênticos, mas é possível saber quando as proposições a respeito do *esse* divino são verdadeiras a partir das perfeições encontradas nos entes (*ex effectibus ipsius*) e atribuídas a Deus pela via da analogia.

A possibilidade de conhecer Deus através da predicação de certas perfeições conhecidas nos entes criados se funda no princípio de causalidade e de participação. Aliás, a doutrina da participação articula eficazmente no plano do ser o que a analogia realiza no plano do conhecer. É essa articulação entre participação e analogia que justifica a novidade especulativa da hermenêutica intensiva dos nomes divinos.

### III. APROXIMAÇÕES E DIVERGÊNCIAS.

Se a leitura feita até aqui é correta, então tanto Paul Ricoeur quanto Tomás de Aquino defendem que não há definição de Deus em sentido estrito. Tanto um quanto o outro defendem que Deus é inominável, incompreensível, inacessível às abstrações conceituais dos filósofos. Tanto um quanto o outro concordariam que a nomeação de Deus não pode ser um ato fundado na subjetividade de um eu pensante. Tanto um quanto o outro concordariam que a via afirmativa da nomeação de Deus é uma via de analogia. Tanto um quanto o outro concordariam que a via negativa é, por sua vez, um

---

<sup>22</sup> “*Ad septimum dicendum, quod modus significandi in dictionibus quae a nobis rebus imponuntur sequitur modum intelligendi; dictiones enim significant intellectuum conceptiones, ut dicitur in principio Periher. Intellectus autem noster hoc modo intelligit esse quo modo invenitur in rebus inferioribus a quibus scientiam capit, in quibus esse non est subsistens, sed inhaerens. Ratio autem invenit quod aliquod esse subsistens sit: et ideo licet hoc quod dicunt esse, significetur per modum concreationis, tamen intellectus attribuens esse Deo transcendit modum significandi, attribuens Deo id quod significatur, non autem modum significandi.*”. Cfr. TOMÁS DE AQUINO. *QDP* q. 7, a. 2, ad 7).

complemento e um corretivo da via afirmativa. Tanto um quanto o outro aceitariam a transcendência absoluta de Deus como um pressuposto da via de eminência.

Entretanto, nem a razão de ser da analogia, nem a relação entre o conhecer e o nomear, nem a dimensão filosófica e teológica da *triplex via* como um todo são as mesmas para Ricoeur e Tomás de Aquino.

Para Ricoeur, a analogia é um processo metafórico unido biblicamente às expressões-limite que provocam a desorientação da razão e a reorientação da imaginação, abrindo-a a novos horizontes<sup>23</sup>. As novas possibilidades abertas pelas expressões-limite e pelas metáforas, porém, não permitem o acesso ao conhecimento do Ser, mas tão somente a sua nomeação narrativa<sup>24</sup>.

Para Tomás, a via da analogia é um corolário epistemológico do princípio metafísico da participação (causalidade formal) de todas as perfeições dos entes no ser (*esse*). Por essa razão, a analogia do ser é uma via de acesso para a inteligência (e não somente para a imaginação) ao conhecimento e à nomeação metafísica de Deus.

Para Ricoeur, a nomeação de Deus prescinde do seu conhecimento conceitual, pois este ignoraria a diferença entre o Deus transcendente, nomeado originariamente nos símbolos e metáforas bíblicas (nomeação pré-crítica), e o Deus abstratamente concebido a partir do “eu penso” (nomeação transcendental).

Para Tomás de Aquino, a nomeação de Deus não se dá no âmbito conceitual, mas sim no âmbito dos juízos resolutivos no ser (*esse*), que servem ao modo tríplice de proceder da teologia. Neste âmbito, a serviço da ciência divina, a *triplex via* é um recurso teórico metafisicamente estruturado para conhecer “se Deus é” (*an sit*) e “o que Deus é e não é” (*quomodo sit et non sit*) a partir do ser, ato intensivo participado aos entes. Mas, como todo recurso teórico, a *triplex via* permanece um instrumento limitado e imperfeito a serviço

---

<sup>23</sup> RICOEUR, P. *The Logic of Jesus, the Logic of God*. In *Figuring the sacred: religion, narrative and imagination*. Minneapolis: Augsburg Fortress Publishers, 1995, p. 281.

<sup>24</sup> Parece justo dizer que, para Ricoeur, a ordem circular da nominação de Deus supõe três termos: *textus*; *imaginatio*; *nomen*. É interessante observar que a resolução poética dos nomes divinos não é necessariamente contraditória com a resolução metafísica, pois os termos no debate hermenêutico-metafísico são diferentes e não necessariamente excludentes. Com efeito, a ordem da nominação metafísica de Deus em Tomás de Aquino envolve três termos ao menos: *res*; *ratio*; *nomen*. Essa consideração, entretanto, está fora dos limites deste estudo.

da linguagem e do conhecimento teológico, que jamais permite compreender estritamente o *quid est* de Deus.

Em suma, Paul Ricoeur aceita não só o valor hermenêutico dos nomes negativos de Deus, mas também a interpretação negativa dos nomes afirmativos de Deus. Já Tomás de Aquino, em sua releitura de Agostinho, Dionísio, João Damasceno e Maimônides, deixa claro que os nomes negativos de Deus pressupõem uma afirmação prévia, o que o leva a recusar a interpretação negativa dos nomes afirmativos de Deus<sup>25</sup>.

#### IV. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa breve comparação permite entrever que, para Tomás de Aquino, a nomeação de Deus depende e pressupõe verdades sobre Deus formuladas em juízos e proposições, sejam estas obtidas filosoficamente sejam ainda narradas biblicamente.

Com efeito, para o Aquinate, o significado dos nomes que são atribuídos a Deus depende das verdades que são conhecidas e sustentadas sobre Deus, e não o inverso<sup>26</sup>. Essas verdades, por seu turno, exigem aquilo que Cornelio Fabro denominou de “hermenêutica intensiva”, ou seja, a interpretação dos nomes de Deus à luz do ser, ato primeiríssimo causado e participado às criaturas. Como tal, somente o ser (*ut actus essendi*) pode servir como ponto de partida e fundamento para o conhecimento e a nomeação d’Aquele que é.

A insistência de Tomás de Aquino no fato de que não é possível ao homem compreender (*comprehendere*), circunscrever (*circumscribere*) e definir (*definire*) “o que Deus é” (*quid est*) é de uma atualidade incontestável para a hermenêutica intensiva dos nomes divinos. É ainda uma advertência contra os excessos de uma linguagem teológica e filosófica formalista e racionalizada. Excessos esses que foram também criticados pela hermenêutica ricoeuriana dos nomes divinos.

---

<sup>25</sup> Deve-se a distinção entre os nomes negativos de Deus e a interpretação negativa dos nomes afirmativos a: ROCCA, G. *Speaking the incomprehensible God*. Washington: *The Catholic Univ. of America*, 2004, p. 309.

<sup>26</sup> ROCCA, G. *Aquinas on Gold-Talk: hovering over the abyss*. *Theological Studies*, 54, 1993, p. 661.

A “lógica” da predicação dos nomes divinos não é acidental à busca humana do conhecimento de Deus. Ao contrário, é tão essencialmente humano procurar significar por meio de proposições o que Deus é realmente, quanto é tão propriamente humano os limites desse modo de significá-Lo, razão pela qual as expressões-limite e as metáforas coexistem na narrativa bíblica com proposições análogas de conteúdo não-metafórico, que servem aos propósitos da tríplice nomeação intensiva do Deus incompreensível.

## BIBLIOGRAFIA

### FONTES PRIMÁRIAS:

TOMÁS DE AQUINO. *Opera omnia cum hypertextibus in CD-ROM*. Milão: R. Busa, *Editoria Elettronica Editel*, 1992.

\_\_\_\_\_. *Comentário ao Tratado da Trindade de Boécio: questões 5 e 6*; tradução e introdução de Carlos Arthur R. do Nascimento. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1999.

\_\_\_\_\_. *Le Questioni Disputate: la Potenza Divina*. Bolonha: ESD, 2003. 2v.

\_\_\_\_\_. *Sancti Tomae de Aquino Expositio super librum Boethii De Trinitate*. Leiden: Ed. B. Decker, 1955.

\_\_\_\_\_. *Suma Teológica*. Volumes. 1-5. São Paulo: Loyola, 2001.

RICOUER, P. Entre filosofia e teologia II: nomear Deus (1977). In: *Leituras 3: nas fronteiras da filosofia*. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

\_\_\_\_\_. *The Logic of Jesus, the Logic of God*. In *Figuring the sacred: religion, narrative and imagination*. Mineapolis: Augsburg Fortress Publishers, 1995.

### FONTES SECUNDÁRIAS:

BOURG, D. ET ALII. *L'Être et Dieu*. Paris: *Les Éditions du Cerf*, 1986.

\_\_\_\_\_. *La critique de la “métaphysique de l'Exode” par Heidegger et l'exégèse moderne*. In BOURG, D. *L'Être et Dieu*. Paris: *Les Éditions du Cerf*, 1986, pp. 215-244.

BURRELL, D. *Knowing the Unknowable God: Ibn-Sina, Maimonides, Aquinas*. Notre Dame: University of Notre Dame Press, 1986.

CARPENTER, H. *The philosophical approach to God in Thomism*. *The Thomist*, 1, pp. 45-61, 1939.

DAVIES, B. *Aquinas on what God is not*. *Revue Internationale de Philosophie*. Vol. 52, n. 204, p. 207-226, 1998.

\_\_\_\_\_. *Aquinas, God and being*. *The Monist*, 80, 4, 1997.

DONDAINE, H-F. *Cognoscere de Deo qui est*. *Recherches de Théologie Ancienne et Médiévale*, 22, p. 72-78, 1955.

ELDERS, L. *La Metafisica dell'essere di San Tommaso d'Aquino in una prospettiva storica*. I. *L'essere commune*. II. *La teologia filosofica*. Cidade do Vaticano : *Libreria Editrice Vaticana*, 1995.

FABRO, C. *Actualité et originalité de l' "esse" thomiste*. *Revue Thomiste*. Vol. 56, n. 2, pp. 240-270, 1956.

\_\_\_\_\_. *Actualité et originalité de l' "esse" thomiste*. *Revue Thomiste*. Vol. 56, n. 3, pp. 480-507, 1956.

\_\_\_\_\_. *Participation et causalité selon S. Thomas d'Aquin*. Paris-Louvain: *Publications Universitaires de Louvain*, 1960.

\_\_\_\_\_. *The Intensive Hermeneutics of Thomistic Philosophy*. *The Review of Metaphysics*. 27, pp. 449-491, 1974.

GOGLIA, R. *La novità metafisica in Cornelio Fabro*. Venezia: *Marsilio Ed.*, 2004.

HILL, W. *On knowing the unknowable God: a review discussion*. *Thomist*, 51, 4, pp. 699-709, 1987.

HUGHES, G. *The Nature of God*. Florence (EUA): *Routledge*, 1995.

\_\_\_\_\_. *Aquinas and the limits of agnosticism*. In HUGHES, G. (ed.) *The Philosophical Assessment of Theology: essay in honor of Frederick Copleston*. Washington: *Georgetown University Press*, 1987.

HUMBRECHT, T.-D. *La théologie négative chez saint Thomas d'Aquin*. *Revue Thomiste*. 93, pp. 535-566, 1993.

\_\_\_\_\_. *La théologie négative chez saint Thomas d'Aquin*. *Revue Thomiste*. 94, pp. 71-99, 1994.

- \_\_\_\_\_. *Dieu a-t-il une essence ? Revue Thomiste*. 95, pp. 70-109, 1995.
- LOTZ, J. B. *Martin Heidegger e São Tomás de Aquino*. Lisboa: Instituto Piaget, 2002.
- MARGERIE, B. DE. *La connaissance rationnelle de Dieu dans la pensée de saint Thomas d'Aquin. Divus Thomas*. 91, pp. 23-71, 1988.
- MARION, J.-L. *Saint Thomas d'Aquin et l'onto-théo-logie. Revue Thomiste*. 95, pp. 31-66, 1995.
- MASTERTON, P. *Aquinas's notion of God today. The Irish Theological Quarterly*. 44, pp. 79-89, 1977.
- MCINERNY, R. *Can God be named by us? Prolegomena to thomistic philosophy of religion. Review of Metaphysics*, 32, pp. 53-73, 1978.
- NASCIMENTO, C. A. *Santo Tomás de Aquino e o conhecimento negativo de Deus. Interações - Cultura e Comunidade*, v. 3, n. 3, pp. 61-77, 2008.
- PHILIPPE, M.-D. *De l'être a Dieu*. Paris: Téqui, 1977.
- \_\_\_\_\_. *Une métaphysique de l'être est-elle encore possible? Aletheia*, 3, 1993.
- PROUVOST, G. *Apophatisme et ontothéologie. Revue Thomiste*. 95, pp. 67-84, 1995.
- \_\_\_\_\_. *Le question des noms divins. Saint Thomas entre apophatisme et ontothéologie. Revue Thomiste*. 97, pp. 485-511, 1997.
- ROCCA, G. *The distinction between res significata and modus significandi in Aquinas's theological epistemology. The Thomist*, 55, pp. 713-197, 1991.
- \_\_\_\_\_. *Speaking the incomprehensible God: Thomas Aquinas on the interplay of positive and negative theology*. Washington: The Catholic University of America Press, 2004.
- SALLES, S. S. *Análise e Síntese em Tomás de Aquino*. Petrópolis: UCP, 2009.
- \_\_\_\_\_. *As resoluções metafísicas de Tomás de Aquino: uma análise sobre o De Potentia Dei*. Petrópolis: UCP, 2009.
- \_\_\_\_\_. *A tríplice via do conhecimento de Deus em Tomás de Aquino*. Petrópolis: UCP, 2009.

SILVEIRA, C. F. C. G. *Cornelio Fabro, intérprete de Santo Tomás. Aquinate*, nº3, p.1-14, 2006.

STUBBENS, N. A. *Naming God: Moses Maimonides and Thomas Aquinas. The Thomist*, 54, p. 229-267, 1990.

TRABBIC, J. G. *Aquinas, God and ontotheology*. 206f. Tese (Doutorado em Filosofia). Fordham University, Nova Iorque, 208.

VAZ, H. C. L. *Esquecimento e Memória do Ser: sobre o futuro da metafísica. Síntese*. 27, 88, p. 149-163, 2000.

VIANA, F. F. *Cognoscibilidad de Dios segun Santo Tomas. In Aquinas. De reditu ad Sanctum Thomam*. Roma: Pontificia Universitas Lateranensis, 1960, pp. 171-197.

WALLACE, M. I. *Can God be named without being known? The problem of revelation in Thiemann, Ogden and Ricoeur. Journal of the American Academy of Religion*, 59, 2, 1991, pp. 281-308.

WIPPEL, J. *Metaphysical Themes in Thomas Aquinas*. Washington: The Catholic University of America Press, 1984.

\_\_\_\_\_. *The Metaphysical Thought of Thomas Aquinas: from finite being to uncreated being*. Washington: The Catholic University of America Press, 2000.